

O drible como elemento técnico-tático-estratégico no handebol e basquetebol

RESUMO

O estudo analisa o drible como elemento técnico, tático e estratégico no Handebol e no Basquetebol, evidenciando diferenças e semelhanças conforme as regras e dinâmicas de cada esporte. No Basquetebol, o drible é essencial para avançar e manter a posse de bola. Já no Handebol, seu uso é mais pontual, sendo aplicado em momentos estratégicos como o contra-ataque. A pesquisa, de base bibliográfica, apoia-se em autores que abordam técnica, tática e estratégia no contexto esportivo. O drible é visto como ferramenta para controlar o espaço e a movimentação do adversário, sendo condicionado pelas regras específicas de cada modalidade. Conclui-se que o drible tem papel significativo no sistema ofensivo de ambas as modalidades, com maior frequência no Basquetebol devido à condução contínua da bola. Além de permitir o deslocamento com a bola, o drible influencia diretamente na construção das ações táticas e estratégicas durante o jogo.

PALAVRAS-CHAVE: Drible; Handebol; Basquetebol; Técnica-tática-estratégia

Hemili Camilo

Mestra em Educação
Prefeitura Municipal de Criciúma,
Secretaria de Educação
Criciúma, SC, Brasil.

hemili.camilo2015@unesc.net
<https://orcid.org/0009-0001-5514-5464>

Vidalcir Ortigara

Doutor em Educação
Universidade do Extremo Sul Catarinense -
UNESC
Programa de Pós-graduação em Educação
Criciúma, SC, Brasil

vdo@unesc.net
<https://orcid.org/0000-0002-0232-2164>

Bruno Dandolini Colombo

Doutor em Educação
Universidade Federal do Paraná – UFPR
Departamento de Educação Física – DEF
Curitiba, PR, Brasil

brunocolombo@ufpr.br
<https://orcid.org/0000-0002-4304-4551>

Carlos Augusto Euzébio

Doutor em Educação
Universidade Federal do Paraná – UFPR, Setor Litoral
Matinhos, PR, Brasil

kabuki2051@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7120-3273>

The dribble as a technical-tactical-strategic element in handball and basketball

ABSTRACT

This study analyzes the dribble as a technical, tactical, and strategic element in Handball and Basketball, highlighting their differences and similarities based on the rules and dynamics of each sport. In Basketball, dribbling is essential for ball advancement and possession maintenance. In contrast, in Handball, its use is more situational, primarily during strategic moments such as counterattacks and in the application of the three-phase double rhythm. This bibliographic research is grounded in authors who discuss technique, tactics, and strategy within the sports context. Dribbling is presented as a tool for controlling space and the opponent's bodily actions, influenced by the specific rules that govern its execution. The findings show that dribbling plays a significant role in the offensive system of both sports, occurring more frequently in Basketball due to the importance of ball handling. Beyond enabling player movement with the ball, dribbling also contributes to the development of tactical and strategic game elements.

KEYWORDS: Dribble; Handball; Basketball; Technical-tactical-strategic

El dribbling como elemento técnico-táctico-estratégico en el balonmano y el baloncesto

RESUMEN

El estudio analiza el dribbling como elemento técnico, táctico y estratégico en el Balonmano y el Baloncesto, destacando diferencias y similitudes de acuerdo con las reglas y dinámicas de cada deporte. En el Baloncesto, el dribbling es esencial para avanzar y mantener la posesión del balón. En cambio, en el Balonmano, su uso es más puntual, aplicado en momentos estratégicos como el contraataque. La investigación, de carácter bibliográfico, se apoya en autores que abordan la técnica, la táctica y la estrategia en el contexto deportivo. El dribbling se concibe como una herramienta para controlar el espacio y el movimiento del adversario, estando condicionado por las reglas específicas de cada modalidad. Se concluye que el dribbling desempeña un papel significativo en el sistema ofensivo de ambas disciplinas, con mayor frecuencia en el Baloncesto debido a la conducción continua del balón. Además de permitir el desplazamiento con el balón, el dribbling influye directamente en la construcción de acciones tácticas y estratégicas durante el juego.

PALABRAS-CLAVE: Dribbling; Balonmano; Baloncesto; Técnica-táctica-estrategia

Introdução

O jogo possui conteúdos que o constituem em sua forma específica de ser, o que o faz distinguir-se da brincadeira. O Handebol e o Basquetebol, por exemplo, são jogos coletivos que envolvem o uso de bola e possuem como característica fundamental a relação de objetivos mutuamente opostos direcionados ao mesmo alvo. Essa dinâmica se materializa no controle da ação corporal do outro pelo domínio do espaço. (Nascimento, 2014)

Estas duas formas específicas de jogo¹ coletivo, são atividades da cultura corporal, produzidas historicamente pela humanidade, o que os torna conteúdo a que os indivíduos têm direito de se apropriarem no contexto da Educação Física escolar, em uma proposta educacional que vise o desenvolvimento dos sujeitos (Coletivo de Autores, 1992; Colombo, 2021; Euzébio, 2017; Nascimento, 2014).

O Handebol e o Basquetebol são formas específicas de Jogo que compartilham similaridades, incluindo elementos técnicos como o drible. Este configura-se como um elemento estratégico, tático e técnico que se efetiva na dinâmica de condução de bola auxiliando o deslocamento do jogador com o implemento de jogo – a bola – em ambas as modalidades esportivas. O drible, assim, desempenha um papel importante na construção de um ataque eficiente.

Contudo, a forma de execução do drible e sua relevância no contexto de cada jogo varia significativamente, o que em parte é derivado das regras e da dinâmica específica de cada um deles. No Basquetebol, o drible cumpre função relevante no avanço da equipe – no momento do ataque – na ocupação do espaço e na manutenção da posse da bola, enquanto no Handebol é usado de maneira mais estratégica em ações e/ou operações específicas, como na execução do movimento denominado duplo trifásico.

Sendo assim, ao propormos a apresentação dessa temática, visamos contribuir para a reflexão pedagógica referente a um conteúdo atual e contemporâneo, com relevância social (Coletivo de Autores, 1992). Mais especificamente, temos em foco o drible como elemento técnico-tático-estratégico do Handebol e do Basquetebol, com o objetivo de analisar seu uso nos dois jogos, refletindo em como as regras moldam as execuções táticas e técnicas, a partir de uma análise detalhada dos movimentos e das regras que regem o drible.

¹ Sem poder, nesse instante, se aprofundar na relação entre Esporte e Jogo, esse texto considera o Jogo Coletivo como sinônimo de Esporte Coletivo.

Metodologia

Para responder ao objetivo supracitado, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica centralizada na compreensão do drible como elemento técnico-tático-estratégico das formas específicas de jogo Handebol e Basquetebol. Utilizou-se como base teórica para o desenvolvimento da pesquisa os seguintes autores: Colombo (2021), em que explorou as ações e operações técnicas necessárias para entender a especificidade do drible como elemento técnico no Handebol e no Basquetebol; Euzébio (2017), para compreender o drible como uma operação estratégico-tática no sistema ofensivo; Mahlo (1980), para compreender a tática em situações de jogo; Nascimento (2014), para discutir as relações essenciais dos objetos de ensino da Educação Física; e Gurianov (1978), para compreender a formação dos hábitos e habilidades, visando entender como e quando o drible se torna um hábito; Tenroller (2004), o qual forneceu especificidades do conceito de drible atrelado ao handebol; Coutinho (2007), por sua vez, ofertou elementos importantes referentes as especificidades do drible no basquetebol.

O percurso e os procedimentos metodológicos para a escolha dos materiais bibliográficos partiram, sobretudo, das discussões e reflexões acerca de referências de três teses desenvolvidas pelos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Escola: conhecimento e intervenção (GEPEFE)². Duas destas teses foram defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC). A primeira, de Colombo (2021), intitulada de “A técnica como condição para o surgimento e o desenvolvimento do jogo de Futebol” e a segunda, de Euzébio (2017), denominada de “O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte”. Ambas se embasaram e buscaram contribuir com outra tese, desenvolvida em 2014, por Nascimento (2014), no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo (PPGE-USP), intitulada de “A atividade pedagógica da Educação Física a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal”.

Em síntese, essas três teses fundamentaram a compreensão da tríade articulada, efetivada em unidade, da estratégia, da tática e da técnica, a qual inspirou o desenvolvimento do referido texto, articulada as questões, já mencionadas, sobre o ensino - sobretudo, escolar -, da técnica do drible no Handebol e no Basquetebol. A partir daí investigou-se em literaturas clássicas sobre o ensino dos esportes em ambas as modalidades esportivas e encontrou-se nas obras de Coutinho (2007) e

² O GEPEFE é formado por professores vinculados a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral (UFPR-Litoral), bem como por professores de Educação Física de escolas municipais, estaduais e privadas de ambos os estados. Os autores desse texto fazem parte do respectivo grupo.

Tenroller (2004) elementos importantes para a formulação do conceito de drible nos esportes coletivos supracitados.

Mahlo (1980) e Gurianov (1978), objetos de estudos acerca do ensino de habilidades e hábitos, surgiram nos estudos e reflexões do respectivo texto a partir das discussões acumuladas pelo GEPEFE.

O drible do handebol e do basquetebol: análise a partir de suas regras

O drible, ainda que não seja a única maneira de avançar em quadra, desempenha um papel relevante em situações específicas do jogo. No Basquetebol, por exemplo, é a principal forma de progressão, enquanto no Handebol, sua utilização é mais restrita a momentos de necessidade, como o contra-ataque ou na execução do duplo trifásico. Ambas as especificidades de jogo utilizam o drible como mecanismo de *controle da ação corporal do adversário para o domínio do espaço* (Nascimento, 2014), o que reforça sua importância na efetivação das ações estratégicas.

Porém, a sua efetivação depende de alguns fatores, entre eles as determinações das regras, que estabelecem as ações possíveis em determinado espaço de jogo. Traçando um comparativo, uma das diferenças entre os jogos está em que no Handebol o jogador pode dar três passos antes de driblar, enquanto no Basquetebol é necessário driblar a bola a cada passo para evitar infrações. Porém, a diferença mais significativa na execução do drible está na possibilidade (no caso do Basquetebol) ou impossibilidade (no caso do Handebol) em conduzir a bola no ato do drible. No Basquetebol a regra permite que o jogador realize o drible conduzindo a bola, o que lhe permite uma ampla gama de alternativas em sua execução, como por exemplo, no plano mais alto, mais baixo etc. em relação ao que convém em cada situação específica de jogo na relação com o adversário. Em contraposição, no Handebol a execução do drible só é permitida espalmando a bola, o que diminui as alternativas possíveis de sua execução com manutenção do controle da bola.³ Essa diferença é um dos motivos pelos quais se observa a maior utilização do drible no Basquetebol, tornando-o um movimento essencial para a progressão e finalização das jogadas. Em contraste, no Handebol, os jogadores utilizam passes com mais frequência, relegando o drible às situações específicas de jogo.

Nas formas específicas de jogo de Handebol e de Basquetebol o drible é um elemento técnico-tático-estratégico relevante. No Basquetebol, durante a condução da bola e na progressão do jogador

³ Evidentemente não é menos relevante a diferença de dimensão das bolas de basquetebol e handebol. O manuseio para o passe nas duas modalidades, bem como as possibilidades de interceptação e recuperação da bola pela defesa são muito distintos. Contudo, pela restrição de espaço e recorte da pesquisa foram necessários vários movimentos de abstração do fenômeno concreto.

para passar ou marcar uma cesta, o drible é essencial, especialmente porque não é permitido realizar três passos com a bola na mão (denominado trifásico no Handebol). No Handebol, embora os jogadores possam optar por não driblar e simplesmente passar a bola, o drible permite realizar o movimento denominado de duplo ritmo trifásico (o jogador de posse da bola realiza três passos, dribla a bola e realiza mais três passos na sequência) para avançar com ela, o que lhe oferece uma vantagem significativa. Esses são cenários na dinâmica do jogo em que o uso do drible como elemento técnico pode conferir vantagens estratégicas sobre o adversário.

O drible auxilia na dinâmica do jogo ao torná-lo potencialmente mais rápido e ampliar as possibilidades de decisão dos jogadores. Ele traz uma variedade tático-estratégica ao permitir que os jogadores enganem seus oponentes, seja driblando entre as pernas no Basquetebol ou driblando para ocupar espaços no Handebol. Portanto, mesmo que não seja sempre necessário driblar, os jogadores o fazem para adicionar fluidez na execução tática e estratégia do jogo. Quando se compreende que a finalidade em usar o drible não é acertar a cesta ou arremessar no gol, mas controlar a ação corporal do outro para o domínio do espaço, fazer gol e passar a bola surgem como consequência dessa ação, uma vez que as traves e o aro da cesta demarcam o espaço a ser conquistado com a bola.

Para auxiliar na compreensão do que estamos descrevendo, recorreremos a um exemplo prático, o que pode ilustrar as vantagens de utilizar o elemento técnico drible no jogo de Handebol, em função de otimizar o sistema ofensivo. Iniciamos com o fundamento *duplo ritmo trifásico*, conhecido entre os atletas como "dupla passada", apontado como relevante na literatura específica do jogo de Handebol (Coutinho, 2007; Tenroller, 2004). Neste movimento o jogador realiza sete passos com a posse da bola. A sequência é executada da seguinte maneira: os três primeiros passos são dados imediatamente após o recebimento da bola, enquanto simultaneamente o jogador prepara-se para driblá-la no solo no quarto passo. Após driblar bola, ele a recupera e prossegue com mais três passos mantendo o controle do implemento de jogo. Ao final do sétimo passo, o jogador é obrigado a passar ou arremessar a bola.

Portanto, a técnica do drible no duplo *ritmo trifásico* no handebol é importante por diversas razões. Primeiramente, ao realizar os sete passos, o jogador consegue avançar significativamente no jogo, movimentando-se com agilidade e eficiência. Além disso, o drible permite avanços rápidos na quadra restringendo as possibilidades do adversário na disputa pelo espaço disponível.

Essa habilidade é básica não apenas para passar a bola ou analisar a situação do jogo, mas também para criar oportunidades de arremesso ao se deslocar *rapidamente* em relação à defesa adversária. Assim, o drible no duplo ritmo trifásico é uma ferramenta central para o sucesso nessa ação do handebol, oferecendo vantagens táticas durante o desenrolar da partida.

Dessa forma, as ações e operações dentro de um jogo devem estar em conformidade com as determinações das regras, que estabelecem as ações motoras possíveis e delimitam os espaços nos quais estas ações podem ocorrer. Um exemplo dessa relação no Basquetebol e no Handebol está em que quando a bola sai do espaço de jogo estando no ar o jogador pode “recuperá-la” desde que o último contato com o solo ocorra dentro da área de jogo. No entanto, no Futebol, por exemplo, essa dinâmica não se aplica da mesma forma; mesmo que um jogador consiga recuperar a bola fora do campo enquanto ela estiver no ar e trazê-la de volta, utilizando o pé, ainda assim ela é considerada fora de jogo. Essas distinções são estabelecidas pelas regras específicas de cada forma específica de jogo, as quais definem limites e possibilidades de jogo. Portanto, é imperativo que os participantes estejam cientes e respeitem essas regras para garantir a integridade e a correta condução das partidas.

Conforme afirma Nascimento (2014, p. 169), as regras, estabelecem

[...] aos jogadores o que fazer no jogo. Diz como devemos nos comportar, o que é ou não permitido, nossos objetivos específicos e, por vezes, sanções a quem não respeita a regra. O desafio lúdico que se instaura é tanto maior e mais efetivo quanto maior for a consciência de que a regra está sendo cumprida por todos. Contudo, o fato das regras explicitarem as ações válidas no jogo não significa que ela determine ações concretas de cada jogador; não significa que ela instaure, necessariamente, situações estereotipadas ou possíveis dessas ações. O que a regra faz — deve fazer — é simplesmente *propor* um quadro de ações *gerais e iniciais* do jogo (NASCIMENTO 2014, p. 169).

Podemos afirmar que compreender as regras é central para a execução bem-sucedida do jogo, pois ao seguir as regras, o jogador evita penalidades e pode realizar ações possíveis dentro do jogo. Segundo Mahlo (1980, p. 192), “Só podem exigir dos alunos ações táticas quando conhecem as regras”. O elemento de estratégia e tática também é constituinte do jogo, mas conforme o autor ressalta, não há como os alunos, criarem estratégia e tática se não dominarem as regras. Como fazer um “plano” melhorando a qualidade de ação no jogo se não domino as regras que dizem o que posso ou não fazer em função de qual finalidade? O conhecimento da regra é essencial para que se efetive as estratégias e táticas do jogo, inclusive quando driblar e não driblar em função da estratégia e da tática.

No entanto, as regras não são o centro da ação do jogador, mas um elemento constituinte do jogo. Embora sejam fundamentais para que o jogo aconteça, as regras não ocupam a ação principal do jogador. Como podemos dominar espaços utilizando relações estratégicas e táticas se a regra for a relação central? Se a regra fosse a centralidade automatizaria os movimentos e as questões estratégicas e táticas ficariam limitadas.

Nascimento (2014, p. 173) observa que para um sujeito que se insere em uma atividade de Jogo ou de Luta, as regras não podem ocupar a *ação principal* do jogador, pois, se assim o for, não

há possibilidade para que ele aja com o que verdadeiramente importa para essas formas de atividade: a elaboração de ações que visem controlar a ação corporal do outro para o controle do espaço do jogo ou pelo controle do corpo do adversário na luta.

Ou seja, as regras auxiliam na atividade de jogo, o modo como se deve jogar etc., mas elas por si só não constituem o jogo por inteiro, há outros elementos relevantes para o jogo ocorrer de forma qualificada. Outro elemento que constitui o jogo é a dinâmica de ataque e defesa. Nos jogos de Handebol e de Basquetebol essas duas relações se dão de maneira simultânea. Podemos ver de forma muito explícita quando ocorre o contra-ataque, o jogador que está atacando perde a posse da bola e agora se torna defensor, então o ataque e a defesa caminham juntos, mesmo quando se está atacando, tem de se ter em vista o controle da ação corporal do outro para que “não roube a bola”. (Nascimento, 2014, p. 173)

O drible e a dinâmica de ataque e defesa⁴

Entretanto, é importante salientar que a dinâmica de ataque e defesa não se limita necessariamente a uma interação simultânea. Conforme descrito por Nascimento (2014), é possível que no contexto do jogo uma equipe ou indivíduo assume o papel de atacante enquanto o outro desempenha o papel de defensor. Nessa abordagem, conhecida como situação opositiva simples, o ato de atacar não está diretamente ligado à defesa e vice-versa. De acordo com Nascimento (2014), não é necessário que uma mesma pessoa ou equipe ataque e defenda simultaneamente para que haja o controle da ação corporal do outro como centralidade, o essencial é que se estabeleça uma oposição mútua entre os objetivos e entre as ações corporais.

A existência de objetivos mutuamente opostos entre si e direcionados a um mesmo alvo se manifesta – na sua forma mais simples – como uma oposição entre *um* sujeito que ataca e *outro* que defende (seja esse sujeito jogador individual ou uma equipe; seja esse ataque e defesa direcionado ao controle da ação opositiva no espaço ou no corpo do outro). Em sua forma mais complexa, o objeto de controle da ação do outro manifesta-se quando há uma simultaneidade nas ações de ataque e defesa: um mesmo jogador/equipe é responsável tanto pelas ações de ataque quanto pelas ações de defesa (NASCIMENTO, 2014, p. 175).

Já na situação opositiva complexa, que é o caso dos jogos coletivos de Handebol e de Basquetebol, o ataque e a defesa se manifestam ao mesmo tempo, realiza-se o ataque já prevendo a defesa.

⁴ A partir daqui não será colocado “o drible do handebol e do basquetebol” nos subtítulos do texto, pela preservação de sua estética de escrita e pelo propósito de não se tornar exaustivamente repetitivo este termo. No entanto, sempre se tratará do drible do basquete e do handebol no conteúdo reflexivo desses subtítulos.

O drible e a importância da análise e da percepção

Outro elemento que constitui o jogo é a relação de análise e percepção. Por exemplo, no jogo de Handebol e de Basquetebol é importante conseguir realizar uma prévia-ideação da ação do outro, analisar como tal jogador se posiciona, como ataca e como defende, em qual sistema a equipe joga, preparando-se em relação ao time que vai enfrentar. Dessa forma, tem-se mais conhecimentos sobre a equipe que está a disputar, faz-lhe ter um plano para adiantar suas ações ao seu favor. A análise e percepção não se efetiva apenas no Handebol e no Basquetebol, mas em todos os jogos que possuem o controle da ação corporal do outro como central. Em relação à percepção, Nascimento (2014) destaca que não se trata apenas de ver muitas coisas, mas de saber selecionar o que é essencial para a relação de jogo num espaço de tempo mais rápido possível.

O que queremos dizer aqui é que não se trata de analisar e perceber somente o outro time ou indivíduo, mas compreender as ações de seu time e fazer mudanças significativas, aquelas que muitas vezes, aparentemente olhando diretamente não aparecem, mas precisam de análise do jogo, visualizar a dificuldade para criar opções de jogadas.

O drible e o conteúdo tático e estratégico

Continuando a reflexão referente aos elementos que constituem o jogo, por último e talvez mais importante, temos a *estratégia e a tática*, já mencionada em articulação com o elemento técnico. A estratégica e a tática estão ligadas às condições dos jogadores criarem jogadas, perceberem, analisarem e sintetizarem essas situações, os problemas de jogo e, a partir disso, criar situações de jogo para a resolução dos problemas detectados. Essas ações de resolver os problemas, criar jogadas se dá intencionalmente, conscientemente. Nascimento (2014, p. 213) explicita que:

Pode-se e deve-se ir ao jogo com o máximo possível de *instrumentos* para, em jogo, *criar* as próprias soluções. E, mais do que isso, *criar novos problemas*, novas *condições e situações* de jogo que sejam vantajosas para a equipe/jogador e desvantajosas para equipe/jogador adversário. (NASCIMENTO 2014, p. 213)

Os elementos de estratégia e tática são questões complexas e devem ser ensinadas na escola, condição que permite ao aluno visualizar e organizar jogadas, ter “vivência de sucesso” (Kunz, 1994). A busca da superioridade numérica, por exemplo, é um conteúdo estratégico e tático (Euzébio, 2017); ocupar espaços que estão vagos também é. Driblar ou não driblar e quando usar o drible para não

realizar essa técnica desnecessariamente se constituem questões de estratégia e tática que podem ser realizadas individualmente ou em equipe.

Não há uma fórmula pronta para quando utilizar conhecimentos estratégicos e táticos (Mahlo, 1980), em tal situação você usa isso..., em outra aquilo..., porque é a partir das situações de jogo que os conhecimentos estratégicos e táticos podem ser aplicados. Sim, pode-se ter uma análise do que está por acontecer, mas é no jogo que ocorre e a partir disso adapta-se a situação que melhor favorece (Nascimento, 2014), o que exige que se apreenda modos gerais de ação (Dávidov, 1988) para adequá-los às situações específicas que surgirem no jogo.

O drible e a tomada de decisão

O drible também é significativo para ler a defesa e tomar decisões táticas. Ao driblar o jogador pode observar como os defensores reagem e identificar oportunidades para atacar. Isso permite que o jogador adapte seu movimento e escolha a melhor opção de jogada, seja passando para um colega de equipe desmarcado ou avançando para um arremesso.

Tomemos como exemplo agora o jogo de Basquetebol. Na dinâmica do jogo de Basquetebol na *fase de transição defesa-ataque* os jogadores driblam com maior frequência para avançar *na quadra*, tendo em vista que nele as possibilidades de manuseio da bola são ampliadas pelas condições estabelecidas pelas regras, como descrevemos anteriormente. Isso estabelece o drible como elemento técnico de maior relevância para o avanço com posse da bola. Isso é especialmente evidente em situações em que o espaço está congestionado, em que driblar se torna central para obter conquista de espaço e criar oportunidades de passe ou arremesso. Portanto, no contexto do Basquete o drible não apenas facilita a progressão do jogador, mas também desempenha um papel fundamental na dinâmica e estratégia do jogo, isto é, como técnica importante no controle da ação corporal do outro para o domínio do espaço.

Compreendemos que o drible não apenas facilita a progressão do jogador, mas também qualifica as ações e operações dentro do jogo. Ele oferece alternativas vitais na dinâmica do sistema ofensivo, permitindo o controle efetivo da ação corporal do oponente para dominar o espaço.

O drible, a técnica e o seu ensino

A técnica, para Colombo (2021) não se dá isoladamente, assim como os elementos que constituem o jogo. A técnica não deve ser vista meramente isolada, ela deve estar atrelada a tarefas

que realizam o motivo da atividade. Assim, entendemos que o drible como elemento técnico está articulado aos do jogo, como constituinte do sistema conceitual e não pode ser excluído dos elementos que lhe compõe. De acordo com Colombo (2021), a técnica é o conhecimento de execução mais adequado de realização de determinada operação ou conjunto de operações componentes da ação ou certa atividade. Se estamos tomando o drible como elemento técnico de ataque numa ação tática-estratégica, ele pode ser aprimorado e adequado, intencionado à realização de uma atividade. No Handebol e no Basquetebol ele deve ser um *movimento objetivo organizado* de qualidade, orientado por uma tarefa que incide um motivo para a realização da atividade.

É a partir da técnica que existe uma qualificação na ação do sujeito e no desenvolvimento dela (e da atividade). “O fato é que sem a técnica o Basquetebol não poderia continuar se desenvolvendo, não poderia criar necessidades novas ao jogo e para estas novas técnicas, num movimento retroativo de ora ser condicionada pelo jogo de Basquete” (Colombo, 2021, p. 72). Quando Colombo (2021) afirma que a técnica é historicamente aprimorada, é porque com o passar do tempo, com as modificações de regras e estrutura de jogo, a técnica também se modifica e se qualifica.

Para explicitar a ação e operação do drible, vamos trazer a condição de um iniciante quando está na fase de aprendizagem para dirigir um automóvel; em suas primeiras aulas ele precisa ser orientado a como se sentar, como ajustar o banco, o retrovisor, o cinto, as marchas, onde é a primeira e a segunda marchas entre outras ações. Também é orientado a como fazer o carro sair do lugar, ao ligar o carro é importante pisar na embreagem (no caso de carros com câmbio manual) e colocar o pé no freio para que o carro não se movimente. Depois, é preciso soltar o freio de mão e engatar a primeira marcha. Durante a condução, é importante prestar atenção às placas de trânsito e respeitar as regras de circulação. É fundamental manter uma distância segura do carro da frente e sinalizar as mudanças de direção com antecedência. Também é preciso ficar atento aos pedestres e ciclistas, além de respeitar os limites de velocidade. Gurianov (1978, p. 410, tradução nossa) complementa a explicação desta forma:

Quando se aprende a dirigir um carro, no início é difícil agir ao mesmo tempo com as mãos, com as pernas e olhar o que está acontecendo ao seu redor. Cada operação é realizada como um ato independente que exclui a execução simultânea das demais. Somente aos poucos, à medida que cada uma das ações individuais é dominada, ocorre a unificação de tudo o que precisa ser feito ao mesmo tempo em uma única ação complexa. (GURIANOV 1978, p. 410, tradução nossa).

E, agregamos, o aprendiz de piloto sabe desde o início qual é o ponto de chegada, conduzir o automóvel dentro das normas de trânsito e na relação com os outros condutores dos automóveis e os pedestres que estão nas vias.

No início, essas ações são novas e o aluno precisa executá-las uma por uma, sem conseguir sistematizar tudo ao mesmo tempo. No entanto, à medida em que ele aprende, esses atos voluntários e conscientes vão se tornando hábitos no processo e passam a ser condição para outras ações como mudar de caminho, verificar se há pedestres na rua, sem precisar pensar em cada passo isoladamente. “Os hábitos quando já formados, as ações são realizadas sem reconsideração prévia, não são divididas em diferentes operações parciais, não é previamente traçado um plano para realização de cada uma delas” (Gurianov, 1978, p. 404, tradução nossa). Ou seja, o autor assinala que quando o hábito é aprendido não é necessário pensar em cada uma das etapas da atividade para realizar a atividade em que está envolvido.

Certamente, quando falamos sobre como as ações conscientes se transformam em operações e viram hábitos é importante reconhecer que essa transição não ocorre instantaneamente; é um processo que se desenvolve pela aprendizagem. O que se desenrola no exemplo do motorista, também ocorre com o drible. Quando nos atentamos à questão da técnica do drible no Handebol e no Basquetebol, esse elemento técnico é aprendido. A aprendizagem é um processo complexo que envolve interações sociais e culturais no qual adquirimos conhecimentos e habilidades desenvolvidos historicamente (Vigotski, 2004).

Com o processo da prática, da repetição organizada com intencionalidade e objetivo, essas ações podem se tornar hábitos, integrando-se ao nosso pensamento consciente. Assim, mesmo que não precisemos pensar conscientemente sobre cada ação isolada, elas permanecem presentes em nossa mente, prontas para serem executadas quando necessário.

De acordo com Gurianov (1978), costumes e hábitos são relações diferentes, embora no cotidiano e dado imediatamente pareçam sinônimos, são antagônicos. Costumes são formados a partir de estímulo e resposta, não há uma finalidade posta e direcionada, são ações originadas a partir da repetição, dessa forma não provoca uma melhoria nas ações, *repetição por repetição* sem uma intencionalidade. Já o hábito é fruto do treino e de uma repetição organizada e sistematizada, com uma finalidade específica e direcionada.

Os hábitos são essenciais em todos os tipos de atividade. São necessários, sobretudo, quando as ações são realizadas em condições em constante mudança, quando não há possibilidade de pensar em como agir e é necessária uma reação rápida e exatamente determinada a cada mudança de condições. Se você não adquiriu hábitos, não poderá utilizar com sucesso os instrumentos de trabalho na indústria e na agricultura, não poderá realizar cálculos, ler obras literárias e científicas, desenvolver atividade científica, lidar com arte, com os esportes, ou qualquer profissão. (GURIANOV, 1978, p. 411-412, tradução nossa).

Gurianov (1978) destaca a importância dos hábitos em todas as áreas da vida do ser humano, especialmente em contextos em que as condições estão em constante mudança e há necessidade de

reações rápidas e precisas. Ele enfatiza que os hábitos são essenciais para o sucesso numa variedade de atividades, desde o trabalho até o desenvolvimento científico, a prática artística e os esportes. O autor argumenta que os hábitos são essenciais para o sucesso em diversas atividades, fornecendo a base para a eficiência, a adaptação às mudanças e o progresso contínuo.

A formação de hábitos motores tem importância para a velocidade e a qualidade das ações realizadas. Trazemos como exemplo a situação da aprendizagem do drible. Quando um aluno está aprendendo o drible, ele olha para a bola e muitas vezes não consegue olhar para a frente, dribla com a bola em frente ao corpo o que dificulta sua condução ou segura a bola e quica de novo⁵, porque ainda está em processo de aprendizagem e não compreendeu de fato as operações e ações possíveis para driblar de forma segura e eficiente em função da finalidade. Ou seja, o hábito motor ainda não foi aprendido pelo aluno.

Ao aprender, toma consciência que seus atos estão em articulação com a finalidade, o que exige que o educador oriente essa aprendizagem para o modelo mais desenvolvido para a atuação primorosa da ação ou operação (Colombo, 2021) em vista da finalidade da ação de jogo. Quando aprende, melhora a qualidade de sua ação de drible, tornando-se mais ágil; driblar sem olhar para a bola lhe permite dirigir a atenção para o conjunto das relações de jogo em que o drible é apenas um componente: posicionamento dos adversários e dos colegas, possíveis deslocamentos para conquistar espaço, movimentações dos colegas etc. na tomada de decisão em relação à ação do jogo, seja essa prosseguir passar ou utilizar o drible para fintar, enfim uma gama de possibilidades. Então, quando o aluno aprende a driblar na relação de jogo, com orientação adequada, essa ação se torna uma operação e um hábito, o que significa que ele já é capaz de driblar com a bola ao lado do corpo e, ao mesmo tempo, ter uma visão ampla das ações corporais dos membros da sua equipe e da equipe adversária. Isso lhe proporciona a capacidade de análise, percepção, estratégia e tática para melhorar a qualidade do jogo, controlando dessa forma a ação corporal do outro para o domínio do espaço.

Ao ter essa visão ampla, o jogador pode antecipar movimentos e realizar a prévia-ideação das jogadas, porque o seu movimento não está direcionado à bola, mas à dinâmica do jogo. É importante salientar que não é o drible virar hábito de qualquer maneira ou para simplesmente a criança não olhar mais para a bola. Tem que virar hábito da forma mais primorosa possível. E a forma mais primorosa e qualificada de uma ação/operação é a sua execução pela técnica (Colombo, 2021) em função da finalidade da ação: controle da ação corporal do outro.

Quando um jogador se concentra apenas no movimento da bola, ele perde a capacidade de visualizar o jogo como um todo, o que aumenta o risco de ter a bola roubada, de perder as alternativas

⁵ Infração que redunde na perda de posse de bola no basquetebol e no handebol

de jogadas e, conseqüentemente, a possibilidade de marcar pontos. Isso diminui suas chances de passar, fintar, deslocar ou até mesmo marcar um ponto, prejudicando o desempenho individual e da própria equipe. Portanto, driblar sem dirigir a atenção voluntária para a bola é essencial para o sucesso em várias ações objetivas durante o jogo.

À medida que a criança pratica o drible sem olhar para a bola, ela reconhece a importância dessa habilidade e busca constantemente aprimorá-la. Esse aprimoramento ocorre por meio do desenvolvimento técnico, incluindo o domínio das habilidades motoras necessárias para executar o movimento de forma eficaz. Assim, a aprendizagem e a melhoria da técnica de driblar, em diversas situações de jogo, são essenciais para o desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas necessárias para o sucesso no jogo.

Entendemos que na relação do jogo a criança vai sentir a necessidade de driblar sem olhar para bola e vai sentir a necessidade de melhorar a execução do drible. Como ele melhora a execução do drible? A partir da técnica, aprendendo a técnica de driblar, em diversas situações de jogo, melhorando as ações/operações motoras. “A técnica qualifica a ação do sujeito na atividade e o desenvolvimento da própria atividade” (Colombo, 2021, p. 72).

Compreendemos que a aprendizagem não ocorre de forma natural e instantânea, sendo necessário um motivo que leve o aluno a compreender a atividade e transformá-la em uma operação. O processo de ensino e aprendizagem ocorre através da relação do aluno com o mundo e com outros seres humanos, não sendo uma relação inata. Ao nos apropriarmos de conhecimentos, nos tornamos mais humanos, o que também se aplica ao aprendizado do drible. É por meio das relações propostas pelo ensino do docente que essa atividade se transforma em uma operação. Não há um processo linear em relação a isso, e quanto mais conhecimento o indivíduo adquire mais ele se humaniza e compreende a técnica do drible como um elemento do jogo, em sua relação com os demais componentes.

Quando essa ação de drible passa a ser uma operação, isso está carregado de elementos complexos, o indivíduo começa a ter a percepção de quando é necessário driblar ou não driblar, não por ter apenas sua capacidade técnica de realizar a operação técnica de driblar, mas driblar ou não driblar tem a ver com as relações estratégicas e táticas colocadas na dinâmica de ataque e defesa. Mas quando o indivíduo aprende ele compreende, por exemplo, que utilizar o drible junto com uma finta lhe dá mais opção de ocupar este espaço, quando ou não usar o drible vai se constituindo em ações de jogo importantíssimas em relação com as ações e operações dos colegas de equipe dos membros da equipe oponente.

O drible e sua organicidade técnico-tático-estratégica: à guisa de síntese

Todos esses elementos centrais que procuramos explicitar aqui constituem o jogo (regras, dinâmica de ataque e defesa, análise e percepção de situações de jogo e estratégia e tática), mas não se efetivam isoladamente, se dão em conjunto. Assim como os elementos que constituem o jogo se dão em conjunto, o drible também não é desarticulado dos outros elementos técnicos na modalidade esportiva, como o passe, a condução de bola, arremessos e deslocamentos, tendo em vista que esses também necessitam da técnica para melhorar suas ações/operações, como um movimento qualificado.

Apresentamos aqui os elementos constitutivos do jogo no intuito de compreender as ações específicas do drible, mas na efetividade do jogo estão articulados uns aos outros. Com isso procuramos explicitar a relevância do elemento técnico drible na execução dos planos estratégico-táticos nos jogos de Basquetebol e de Handebol.

Considerações finais

Este artigo aborda o drible como um elemento técnico, tático e estratégico tanto no Handebol quanto no Basquetebol, analisando sua aplicação prática em ambas formas específicas de jogo e discutindo como as regras moldam suas execuções táticas e técnicas no Handebol e no Basquetebol.

As modalidades específicas de Handebol e Basquetebol foram selecionadas para o estudo devido à presença em ambas do ato de quicar a bola no solo, conhecido como drible. No entanto, ao longo da análise, compreendemos que, apesar dessa semelhança, a dinâmica dos jogos e as regras são distintas, incluindo a forma de executar o drible em cada modalidade. Por exemplo, no Handebol as regras estipulam que o drible deve ser realizado espalmando a bola. No Basquetebol, o jogador pode "conduzir" a bola com a palma da mão ao driblar. As regras de cada modalidade específica determinam as ações permitidas durante o jogo, orientando o que pode ser feito sem infringir tais normas.

Destacamos o drible como um elemento técnico, estratégico e tático que é mais recorrente pela dinâmica de condução de bola e de espaço no Basquetebol do que no Handebol. O drible auxilia o deslocamento do atleta com o implemento de jogo – a bola – e isso desempenha um papel importante na construção dos elementos estratégicos e táticos do jogo. No Basquetebol o drible assume uma função crucial como técnica de condução da bola, sendo uma das principais formas de avançar no espaço de jogo enquanto se mantém a posse dela. Essa habilidade torna-se especialmente relevante

em situações de espaço reduzido, onde driblar é essencial para criar oportunidades de passe ou arremesso. Portanto, no contexto do Basquetebol, o drible não apenas facilita a progressão do jogador, mas também tem um papel fundamental na estratégia e tática do jogo.

Embora o drible seja menos utilizado no Handebol, existem algumas situações em que ele se torna essencial, como em contra-ataques, no duplo trifásico, ou quando o jogador já esgotou as passadas permitidas e precisa driblar para ganhar espaço. O drible se destaca como uma ferramenta técnico-tática que, além de permitir a movimentação eficiente da bola, oferece ao jogador a capacidade de influenciar e manipular a defesa adversária. Ao driblar, o jogador não apenas avança pelo campo, mas também cria oportunidades, desestabiliza a defesa e abre espaço para a finalização das jogadas. Dessa forma, o drible desempenha um papel relevante na dinâmica ofensiva, fornecendo uma vantagem estratégica e contribuindo significativamente para o sucesso da equipe, tanto no Handebol quanto no Basquetebol.

A técnica envolve o conhecimento necessário para a execução adequada de uma operação ou conjunto de operações que compõem uma ação ou atividade específica. Se considerarmos o drible como um instrumento técnico em uma ação tático-estratégica, ele precisa ser aprimorado e executado da forma mais eficiente possível para alcançar a tarefa proposta. No Handebol e no Basquetebol, o drible deve ser um movimento organizado e objetivo, orientado por uma tarefa que motive sua execução.

Destacamos a relevância de estudos relacionados aos conteúdos de ensino da Educação Física, especificamente sobre o drible, para que os alunos possam adquirir o conhecimento científico necessário e, assim, desenvolver plenamente suas capacidades.

Sugere-se possibilidades de continuidade investigativa tanto em âmbito teórico, podendo ampliar-se e, concomitantemente, aprofundar-se na análise conceitual do drible em outros esportes coletivos, como futebol, futsal, rúgbi, etc., quanto na esfera prática, aplicando e analisando tais conceitos e seus desdobramentos práticos em situações de jogo e de ensino, permitindo a compreensão mais tácita da dimensão teórico-prática do ensino do drible dos esportes coletivos.

Referências

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLOMBO, Bruno. Dandolini. **A técnica como condição para o surgimento e o desenvolvimento do jogo de Futebol**. 2021. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.
- COUTINHO, Nilmário Ferreira. **Basquetebol na escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2007.
- DAVÍDOV, Vasili Vasilievich. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Moscu: Progreso, 1988.
- EUZÉBIO, Carlos Augusto. **O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.
- GURIANOV, Evgenii Vladimirovich. Los hábitos. In: SMIRNOV, Anatoliĭ Aleksandrovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich; RUBINSTEIN, Sergei Leonidovich; TEPOV, Boris Mikhailovich (Org.). **Psicologia**. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1978. p. 408-412.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1994.
- MAHLO, Friedrich. **O ato tático no jogo**. Lisboa: Compendium, 198-.
- NASCIMENTO, Carolina Picchetti. **A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- TENROLLER, Carlos Augusto. **Handebol: Teoria e prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o número do projeto/processo - (41015010002p6).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 24.04.2025

Aprovado em: 19.08.2025